

# Design para a vida independente

Adélia Borges

Acessórios para facilitar o uso do banheiro por pessoas com dificuldades de se manter de pé sozinhas. Portas que se abrem sob medida para a passagem de cadeiras de rodas. Softwares que permitem aos cegos “ouvirem” tudo o que está na tela de um computador, e usarem os programas em pé de igualdade às pessoas com visão normal. Carros que já vêm adaptados da fábrica para usuários de cadeiras de rodas.

Esses são alguns exemplos de produtos disponíveis - ou ainda a serem brevemente lançados - no mercado brasileiro visando o público que se convencionou chamar de “portadores de deficiências”. Trata-se de um mercado nada desprezível. A Organização Mundial da Saúde estima que 10% da população mundial tenha algum tipo de deficiência, de visão, audição ou locomoção. No Brasil haveria, portanto, 16 milhões de deficientes.

Até alguns anos atrás, esse era um segmento ignorado pelas empresas brasileiras. Nos últimos anos, contudo, percebeu-se que o alcance dos produtos feitos para esse público acaba sendo muito maior. Os idosos - a cada dia mais numerosos em termos absolutos e relativos - e as crianças quase sempre são diretamente beneficiados por mudanças nos produtos tendo em vista o público dos deficientes, sem falar das pessoas com doenças passageiras ou em períodos pós-operatórios.

Essa constatação acabou gerando um conceito novo no desenvolvimento de produtos: o design universal, também chamado de “design sem barreiras” ou “design para o bem estar”, que prega a concepção de produtos e ambientes em condições de serem facilmente usados por pessoas de todas as idades, tamanhos e habilidades. Atender às demandas de faixas específicas da população - aqueles que têm dificuldades temporárias ou permanentes de visão, audição, locomoção, uso das mãos, ou os canhotos, os muito novos ou velhos, os muito baixos ou altos, os muito gordos ou magros, - é uma forma de melhorar a qualidade de vida da população como um todo, argumentam os defensores do conceito. Cada vez mais numerosos, eles estão organizados em instituições acadêmicas, governamentais e ONGs que se multiplicam em progressão geométrica pelo mundo. O design universal é considerado também uma forma de propiciar vida independente e autônoma para o maior número de pessoas.

Uma linha projetada para deficientes mas que deve atingir um público bem maior é de acessórios para banheiro desenvolvidos pela Deca. São sete produtos, como barras que apoiam a transferência de um usuário de uma cadeira de rodas para um vaso sanitário, ou ainda um prático assento removível para as pessoas tomarem seu banho de chuveiro sem precisar de ajuda, sempre constrangedora. “Todos os acessórios possuem alma de aço zincado para garantir o máximo de segurança para o usuário, e são revestidos em náilon/ PVC, material que dá boa pega por pessoas com dificuldades nos movimentos manuais”, diz Lilian Mammana, gerente de eventos da Deca.

Lilian se entusiasma com a enorme repercussão que os produtos estão encontrando através da exposição de um banheiro adaptado no showroom da empresa, e anuncia que eles chegarão às revendedoras no início do próximo ano. Por enquanto, sua presença se limita a algumas instalações para testes e avaliações. Uma das casas em que foram instalados é a da arquiteta Silvana Cambiaghi, usuária de cadeira de rodas e especialista em acessibilidade. “A linha da Deca é ótima e está sendo muito útil, inclusive para meu pai que caiu recentemente e precisa de apoio”, diz. Ela elogia a aparência das barras, “com um visual limpo, em cores claras, integrando-se à decoração do banheiro”.

“Quando a acessibilidade está garantida, as pessoas nem percebem. E não é para aparecer mesmo”, diz Silvana. Ela cita o Box Arcade, fabricado pela Dorma. Em vidro temperado, ele tem portas articuladas, que se dobram no meio, para dentro ou para fora, permitindo a utilização total do vão de abertura para a passagem de cadeiras de rodas. Todos os detalhes do produto foram pensados para melhorar as condições de uso e sua aparência. O piso fica totalmente livre, pois só há trilhos em cima. Um perfil tipo rodinho, feito de silicone, é colocado na parte inferior da porta, impedindo que a água e molhe o banheiro. Bonita, em nenhum momento a porta atrapalha a circulação. E leva a um melhor aproveitamento do espaço, artigo cada vez mais escasso nas casas e apartamentos.

Silvana Cambiaghi enumera outros exemplos de produtos concebidos dentro do conceito do design universal e disponíveis no mercado brasileiro:

- . Torneiras que funcionam com sensores. Ou torneiras com uma única alavanca para água fria e quente, que se pode controlar com uma só mão - enquanto a outra, por exemplo, pode estar apoiada na parede ou segurando uma muleta.
- . Maçanetas de portas que não exigem grandes destreza manual e podem ser abertas com simples toque do cotovelo ou de qualquer outra parte do corpo.
- . Ferragens que possibilitam abertura total das gavetas garantem uma visualização melhor de seu conteúdo e maior alcance das mãos. Fabricantes de cozinhas de primeira linha, como Kitchens, já usam esses acessórios, em geral importados da Itália.

Há empresas que miram públicos bem específicos, como os 725 mil cegos ou pessoas com visão sub-normal que - calcula-se - existem no Brasil. Para eles, a MicroPower lançou em janeiro deste ano o software Virtual Vision, que permite que os deficientes visuais possam utilizar com total autonomia todos os recursos do computador. Ele funciona em qualquer programa para Windows 95, “traduzindo” as mensagens que aparecem na tela ou escritas pelo usuário através de um sintetizador de voz em português, em que se pode configurar até a velocidade e entonação para cada detalhe pronunciado.

“Não tínhamos noção da repercussão que teríamos”, diz o presidente da MicroPower, Francisco Antônio Soeltl. A empresa distribuiu uma cópia do Virtual Vision para cada médico oftalmologista brasileiro, e festeja os resultados do acordo com o Bradesco, que distribuiu 20 mil cópias de avaliação para seus correntistas e assim permitiu que mesmo os cegos possam controlar sua conta corrente via home-banking.

Outro produto dirigido a um público específico é o Projeto Autonomy, da Fiat, que oferece automóveis zero quilômetro equipados de fábrica para motoristas sem mobilidade nas pernas. O programa surgiu em julho de 1996. Nos dois anos seguintes, a empresa vendeu 1000 carros com equipamentos especiais, três vezes mais que o total de vendas para deficientes físicos registrado nos dois anos anteriores ao lançamento, informa Márcio Gomes Dias, do departamento de comunicação. Além disso, a Fiat está instalou rampas de acesso, estacionamento próprio e banheiros especiais para usuários de cadeiras de rodas em 182 concessionárias.

Com o Autonomy, a Fiat saiu na frente e se tornou a primeira montadora brasileira a oferecer um serviço adaptado ao deficiente. No entanto, ainda estamos defasados em relação ao mercado internacional: no ano passado, o principal concurso japonês de design, o G Mark, premiou um automóvel da Toyota na categoria design universal. Além de ser adaptado para ser dirigido apenas com as mãos e de prever com generosidade o armazenamento interno da cadeira de rodas, o carro tem um banco que gira 180 graus, facilitando muito a entrada e a saída das pessoas.

Outra inovação que beneficia não só o usuário de cadeiras de rodas mas também os idosos e outras pessoas com dificuldades temporárias é o conhecido Ligeirinho, que integra a rede de transportes públicos de Curitiba - cidade apontada unanimemente como um exemplo de acessibilidade. Uma plataforma leva a cadeira de rodas até o piso da estação de embarque. Dali, não há desníveis para entrar dentro do ônibus. O embarque é fácil e rápido, reduzindo muito o tempo da viagem em relação aos outros ônibus.

Os designers gaúchos José Carlos Bornancini e Nelson Ivan Petzold já há alguns anos vem incorporando o conceito do design universal em seus trabalhos. É deles o design da cabine Skyline, da Elevadores Sur. O painel tem uma localização inovadora, num ângulo de 45 graus em relação às paredes e bem junto à porta, de melhor acesso e visibilidade para o usuário, inclusive as crianças. Os andares têm identificação também em braile. É deles também o projeto da linha de tesouras Softy, da Zivi Hercules, para uso ambidestro, que foram patenteadas mundialmente e se tornaram um dos carros-chefe de exportação da empresa. “Constatamos que uma perfeita adequação da forma e dimensões dos cabos das tesouras às características anatômicas das mãos de todos os possíveis usuários é definitivamente limitada - não existe o homem médio, e o canhoto seria justamente o exemplo de um caso limite”, diz Bornancini. “A inovação da Softy está nos anéis deformáveis elasticamente, aplicados nos contornos internos dos olhos da tesoura, que se adaptam às características individuais da forma e das dimensões dos dedos do usuário, resultando em cabos que se ajustam à mão de cada pessoa e não o contrário.

“Sempre que projetamos algo tendo em vista as pessoas que estão nos limites, atendemos melhor também as que estão no meio”, diz a arquiteta Silvana Cambiaghi. Todos, assim, acabam ganhando. Os portadores de deficiência passam a desfrutar de uma autonomia muito maior em seu cotidiano, sem depender de ajuda para atos banais e corriqueiros. E as pessoas em geral ganham ambientes e produtos mais seguros e confiáveis, redundando numa melhoria da qualidade de vida.

## **Box**

### **Uma imagem em transição**

As barreiras às pessoas portadoras de deficiências não são apenas físicas, mas também psicológicas. “O ser humano tem medo da diferença, não sabe lidar com ela. Por isso, exclui o deficiente, e a cada reação de exclusão ele fica com sua auto-estima mais baixa”, afirma Suely Harumi Satow, doutora em Psicologia Social na PUC-SP com uma tese sobre o tema. Suely conhece de perto esse problema, por ser portadora de paralisia cerebral. Mas sem dúvida há sinais de que a imagem do deficiente está mudando. Publicidades recentes da grife M. Officer mostram um modelo que não tem pudor em exibir sua perna mecânica - e esse detalhe parece não tirar nada de sua beleza e sensualidade. *Carne Trêmula*, último filme do cineasta Pedro Almodóvar, traz um personagem em cadeira de rodas que pode suscitar toda espécie de sentimento no espectador, menos os de piedade ou desprezo.

A presença cada vez maior de deficientes nos esportes - o personagem do filme é um bem sucedido jogador de basquete - está contribuindo para essa desestigmatização. Outro fator que aproxima o “deficiente” da “pessoa comum” são tragédias como as do velejador Lars Grael, do ator Christopher Reeve, o “super homem”, e do jornalista Osmar Santos. Acompanhar passo a passo, através da mídia, seus lentos e heróicos progressos após acidentes mostra que todos estamos sujeitos a ter dificuldades temporárias ou permanentes com a fala, a locomoção, a visão etc. E que os objetos e ambientes que nos cercam podem ter um papel importante para acelerar uma recuperação ou auxiliar numa impossibilidade - como a fantástica cadeira de rodas computadorizada do ator norte-americano.

“As cadeiras de rodas estão cada vez melhores e mais leves. Um fabricante gaúcho está fazendo uma motorizada chamada Freedom, excelente. Já a OrtoBrás está lançando um modelo bem colorido, que quebra a visão hospitalar desse tipo de produto”, comemora o arquiteto Marcelo Marcelo Pinto Guimarães, professor universitário, consultor na área de design universal e integrante do Centro de Vida Independente de Belo Horizonte.

Designs pesados reforçam o sentimento de isolamento e inadequação das pessoas com deficiências. A linguagem também pode ter um papel de reforçar o preconceito e a exclusão. Quando anunciou sua linha de acessórios para banheiro, a Deca a chamou de “linha para desabilitados”, provocando protestos. Marcelo, usuário de cadeira de rodas, foi um deles. “O produto é interessante, mas o nome é uma péssima tradução de *desabilities*, em inglês. Eu não sou desabilitado, tenho até carteira de motorista...”, brinca. O lançamento da linha, anunciado inicialmente para o segundo semestre deste ano, foi adiado para o início de 1999, agora com um novo nome, “linha de apoio”.

*Texto publicado na revista Qualimetria nº 90, Fundação Armando Álvares Penteado, fevereiro 1999, páginas 20 a 24.*